

[POESIA]

TERRA GENTE BICHA

Leomir Bruch

[[[]]]
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana **B**

tel
ara
nha



terragentebicha

Leomir Bruch

© Leomir Bruch, 2025

© Biblioteca Pública do Paraná, 2020

Coordenação editorial: Bárbara Tanaka e Guilherme Conde M. Pereira

Normalização de originais: Juliana Sehn

Diagramação: Telaranha Edições

Arte final: Manoela Gonçalves Haas

Revisão: Guilherme Conde Moura Pereira

Comunicação: Hiago Rizzi

PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ,
COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bruch, Leomir

Terragentebicha / Leomir Bruch. – 1. ed. – Curitiba, PR: Telaranha, 2025.

ISBN 978-65-85830-28-7

1. Poesia brasileira I. Título.

25-264937

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

TELARANHA EDIÇÕES

Rua Ébano Pereira, 269 – Centro

Curitiba/PR – 80410-240

(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br

www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil

Feito o depósito legal

1ª edição

2025

"a revolução poderia ser agora, se nós a começássemos"

– Manifesto Queer Nation

TERRA • 11

GENTE • 25

BICHA • 55

TERRA

olhar o mundo com os olhos do mundo

*"Eu sempre sonho que uma coisa gera,
nunca nada está morto.
O que não parece vivo, aduba
O que parece estático, espera."*

– Adélia Prado

não,
nunca pisei em neve.
meus pés só conhecem
solo arenoso
argila
lodo
broto da terra vermelha

esse poema me lembra uma antiga lenda
que fala sobre vendas

ERA UMA VEZ
uma velha índia
que caminhava
de pés no chão olhando
sentindo
tocando
seu caminho
sem vendas nos pés nos olhos
N'alma
nos olhos d'alma
nos olhos da terra

caminho com cuidado
o solo é sagrado

brota da terra medicina
ancestral

é lua nova de outono e colho flores e peço chuva pra
[Santa Clara pra
lavar a terra
a cara
pra matar a sede
pra encher o rio

brasileiro
acorda cedo
pra por comida na mesa

brasileiro
desde cedo
aprende e esquece
que comida cresce
no quintal

comer raíces aprender
fincá-las até criar suas
próprias
e novas
raíces

fecharam as igrejas
é preciso rezar no silêncio abafado do quarto
proibiram velórios
há que morrer sem banho de lágrimas
aniversários casamentos batizados cancelados

na rua
cuidado
viver é um sobressalto

nascer não se proíbe
mas é nascido sem nome sentirá fome
será homem mulher
sairá às ruas
caminhará descalço
viajará sem medo
encontrará sossego
abrirá berços para na terra semear

cada semente plantada sua fome irá matar

rolar o corpo na grama
e ser também grama
sentir a pele coçando e
em cada poro
um broto

rolar o corpo na grama
regar na chuva
expor-se ao sol
e ver a grama brotar
onde antes pelos
agora folhas
verdes
tantas
uma ou outra erva daninha, formigueiro
meu corpo inteiro
na terra
repousar

sentados
à sombra imaginária sonhamos um
mundo possível

cântico de um filho dessa terra*à Cora Coralina*

pouco sabemos da nossa casa Mãe Terra
morada primeira
Mãe Terra
morada derradeira

ainda nada aprendemos nos desfazemos
em incontáveis inumeráveis
insustentáveis
erros
e erramos já sem culpa

te temos por nossa
– inesgotavelmente nossa –
e esquecemos que nós te pertencemos
Mãe
Divina
Terra

canto
me banho
sobre teu manto, Mãe Terra

(e se ainda houver tempo
nos perdoe Terra Nossa Divina Mãe)

GENTE

matar a sede dos olhos

*"en la lucha de clases
todas armas son buenas:
piedras
noches
poemas"*

– Paulo Leminski

"A minha casa é pra onde vão meus pés"

– China

deixo a mala sempre pronta
organizo as incertezas que carrego junto comigo
faço da estrada meu abrigo
não abro mão do meu riso
caminho sempre na contramão

se eu saísse agora porta
afora
daqui dois mil passos ainda estaria no mesmo lugar

sigo
cigano
sem engano
me refaço em planos
esqueço os danos

só

viajo

ando muito bem

acompanhado

num desenho infinito
meu passo
não faz risco

o calendário me confunde
meu tempo é ouro
meu tempo é outro

tem lembrança que nem sei
parece que foi
a voz
da minha mãe
que desenhou
na minha cabeça

descansar os olhos em outro país
enquanto o corpo reclama aqui

meus pés descalços não cabem nos pés desenhados no tapete
do banheiro meus pés que dormem pra fora da cama meus pés
imensos e frágeis suscetíveis a carrapato bicho geográfico
quina de sofá meus pés imensos mas não isentos de frieira
olho de peixe unha encravada não menos gelados em dias
quentes pés congelados nos meses frios pés guardados em
dias chuvosos embalados em jornal no calçado molhado pés
que clamam ao corpo inteiro escalda pés, pedicure, podólogo
mas só recebem novos passos

tudo que mora em mim ainda é pouco
tudo que vive em mim ainda é nada
sou feito quebra cabeça incompleto

me falta prosa
só brota
poesia

descobri o ofício da escrita
tudo que penso
se desenha em verso

abracei minha poesia
ela não me deixou escapar:
estive só com a palavra

cultivar mistérios
resguardar a ignorância
amar incondicionalmente o desconhecido

translucado
meu espírito
foi diagnosticado

deixa sangrar
um chá
pra curar

o mar balança sossegado
eu
calado
deitado
sem partido tomado

casa

quatro paredes de pequenas liberdades

meu corpo em festa
não sobra fresta
pra dor do mundo entrar

como me sinto
corpo
espinho

costura exposta
eu ando meio assim
tudo de dentro
fora

quem inventou esse monte de não dizeres?
– nada precisa ser dito
eles mesmos disseram
as coisas simplesmente estão, mãe
não teve acordo
nós não fomos informados
toma esse chá gelado que eu fiz pra te curar

eu sei
essa jarra não é o suficiente
mas a gente tenta, mãe
o mundo também me assusta
tem muito barulho lá fora (desliga o piloto automático
é tudo tão mecanizado)

seu colo é quente, mãe
será que eu posso?

onde chega dói
tem uma música que dói
toda vez que toca dói
não sei o que fala
em que língua
se é samba
quem toca
quem canta
mas sei onde chega
e onde chega dói

queimem as cidades todas
Fogo
uma a uma
fogo nas cidades todas

avise apenas aqueles que nada têm a perder
apenas aqueles que não correriam em direção a suas casas
e escritório incendiados
em busca de documentos
ou algum pertence de estima – o carregador do celular

deixe que gritem
que peçam ajuda a um deus que há pouco insultaram
que cobrem aos prantos alguma atitude dos órgãos responsáveis
sem saber que esses foram os primeiros consumidos pelas chamas
a u t o c o n s u m i d o s

preservem apenas corredores de serviço,
vias marginais
e bairros afastados
onde o fogo
se de ônibus fosse
demoraria pelo menos duas horas e meia
no trajeto que de carro é logo ali

que deus não nos ouça

BICHA

tudo que se move foge

*"nessa hora
agora
falar das urgências
não morrer
desentocar corpo
e grito"*

– Francisco Mallmann

epitáfio

espero que não esqueçam
que mesmo morta
na minha história:
sempre bicha

inventar um rito
convidar as minhas
em círculo
todas
olhos nos olhos
mãos com mãos
inaugurar nossa própria ficção
ignorar imposições
queimá-las

traçar um novo e nosso sul
rejeitar o norte
somos mais fortes
do que eles podem imaginar

chiclétchi

rebolo também com a língua
e até isso quiseram me tirar

não me desculpe

eu me excedi

é que tenho fases rebeldes

rebeldia

tá tudo tão quadrado

que eu mesmo

só ando em círculos

alcanço com as mãos os limites do meu corpo

brechas
fendas
rugas
vincos
dobras
pelos
orifícios tantos
um corpo vazado
a boca e o cu
começo meio e fim

meu corpo
minha geografia sagrada
minha américa latina
minha casa tomada

nossa sina maior
o corpo
ventre
morada primeira
um corpo que abriga outro corpo

o corpo vai
um corpo que alimenta outro corpo
o corpo ganha nome sobrenome e apelido
um corpo que educa outros corpos
conduta

o corpo se percebe entre outros corpos
corpo maduro
um corpo deseja outro corpo
um corpo que deseja outros corpos
negação
o corpo é seu, mas os outros dizem não

todo dia um corpo sem vida é encontrado no chão

dois homens de mãos dadas
e isso também é amor
dois homens se beijando
e isso também é amor

dois homens e seus afetos
cruzando o espaço e dizendo
aos olhares desconfiados e furiosos
que isso também é amor

amor bicha

amor

se eu tivesse uma banda
seria de brega
e *(todas)* as músicas *(de amor)* seriam sobre você

há um ponto distorcido no infinito que me lembra
seus olhos postos sobre os meus

no dia em que fui diagnosticado com primeiro amor
me rastejei nu pela casa
incendiei bancos
rasguei livros de poesia
confessei todos os pecados que cabem na minha memória

neste exato dia
apostei todo meu salário no avestruz
comprei dicionários
reinventei meu vocabulário
refiz minhas listas de desejos
nadei no chafariz da São Bento

desde aquele passado dia
não fui
e continuo não sendo
mais o mesmo
ainda que viva no velho endereço
use o mesmo perfume
trabalhe
coma
morra
no mesmo lugar
se olhares em meus olhos agora, verás o mar
não te afogues!
há neles refletida uma quantidade incomunicável de árvores
olhe com cuidado
poderás ver um balanço, logo ao centro de minhas pupilas
folhas verdes, vermelhas e amarelas na árvore que o sustenta
observe bem e verás o caderno em que escrevi estes versos
a caneta preferida
e o celular ao lado
— eterno escravo do tempo

olhando em meus olhos no ponto exato em que te descrevo
não verás que roupa uso
nem ao menos se penteei meu cabelo ao levantar
(se bem me conheces saberás que não)
manhãs são feitas para cigarro e contemplação
uma boa amiga me dizia
abandonei o hábito de fumar
mas contemplar
é o que me mantém

e se olhares ainda mais fundo
dentro de meus profundos olhos
– não assustes!
te encontrarás guardado
teus olhos gravados
dentro dos meus

discute Lady Gaga
baila Bethânia comigo
me abraça
embraza
corre perigo
assina o destino
constrói nosso abrigo
me rouba sorriso
me leva contigo
eu quero ir embora
me mostra lá fora
releva os mistérios
desvela os segredos
inventa um novo enredo pra gente contracenar

fale mais sobre a gente
me inunde de nós
deixe eu virar tempestade
transbordar teus lençóis

feito água na bica
mata minha sede
lava minha ferida
mas não me deixe sozinha que eu não sei nadar

teu cheiro
tua cama
meu mantra

choveu
eu
no céu da sua boca

tenho maus hábitos que cultivo com carinho:

escuto conversas alheias
e invento histórias de amor

observo a natureza
sugiro delicadeza
mas o que me alimenta
– me perdoem a confissão
é cada traço
perna
rebolado
pés
e mãos
desnudo corpos
e acaricio sutilmente
pele quente
e coração

me faça ouvir aquele som que não sai da sua cabeça
me ensine um passo
declame um verso que te aborreça
me conte um caso
se mostre frágil
mente

se esparrama comigo na cama na grama
prende acende mais um o terceiro
e deix'eu viajar com você
divide o gole o travesseiro
me lambuza com teu cheiro
fode sem medo

rascunha em mim tua palavra preferida
eu sei
todo mundo tem

generaliza particularidades
compartilha segredos
picha na casa do prefeito
que eu esqueço seus mistérios
e ainda digo que te conheço

revolto
aprendo insultos em castelhano
portuñol
guarany
cualquiér língua do tronco tupy
coleciono ofensas dialetais
catalogo toda palavra malquerida
digo na sua língua
que a minha ferida
foi você quem abriu

amo a memória
mas venero o esquecimento

fronteiriça

habitar a fronteira

falar duas línguas e não ser ouvida em língua nenhuma

daqui onde eu grito
deus
nem ninguém
pode me ouvir



1ª edição [2025]

Este livro pertence à coleção Outras Palavras, uma realização da Biblioteca Pública do Paraná e da Secretaria de Cultura do Paraná, com recursos da Lei Paulo Gustavo.

Composto em Figtree, sobre papel avena 80 g, e impresso nas oficinas da Gráfica e Editora Copiart em junho de 2025.

SINOPSE

A palavra tomada pelas mãos, o gesto artesanal da escrita. *terragentebicha*, um manifesto, um agrupamento de reivindicações, de lugares, de amores, corpos e vozes. Uma reunião de escritos errantes, de experimentações pela palavra poética em movimento e transformação. Transformação na e pela palavra. *terragentebicha*, três partes de um único corpo, parte de um todo – ainda que fragmentado: todo.

Escritos entre 2016 e 2020, do golpe à tomada do poder pela direita fascista brasileira, poemas que reivindicam a Terra, as Gentes y as Bichas por outras lentes e perspectivas que não aquelas, as deles.

O AUTOR

Leomir Bruch narra, escreve, costura e pesquisa a partir do encontro da narração de histórias, da escrita e da performance. Narrador de histórias, mediador de leitura, escritor, performer, encadernador artesanal e curador, é natural de Palotina, interior oeste do Paraná, formado em Letras pela Unioeste, pós-graduado em Narração Artística pel'A Casa Tombada e mestre em Artes da Cena pela Escola Superior de Artes Célia Helena/Itaú Cultural. Desde 2016, atua com a Expedição Viramundo, projeto itinerante de narração de histórias e fomento à leitura. Em 2024, publicou pela Editora CasaTrês o texto-performance *tão grande quanto o mar: um estudo em Sete Quedas*.

[POESIA]

Avalie nosso projeto:

